

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

## SUMMARIO

RAMIZ GALVÃO — O Magno Problema

### IDÉAS E FACTOS

Política de instrução pública  
O ensino da Historia  
Nelson de Senna ..... A evolução brasileira em cem annos de independência.  
—Bibliographia.  
—Correspondência.

### A ESCOLA

Zulmira ..... O Dia do «Fico»  
A. Xavier M. de Barros..... Onde, donde; Adverbio? Pronome?

### LIÇÕES E EXERCICIOS

Julietta Arruda..... Lingua materna 1.º, 2.º, e 3.º annos  
O. C..... Arithmetica

## O Magno Problema

Entre as multiplas questões, que entendem de mais perto com o progresso da nossa Patria e com a effectividade do regime republicano que abraçámos em 1889, avulta sem dúvida o problema da disseminação do ensino primario.

E' conhecida a elevadissima proporção de analphabetos existentes no Brasil, e não se faz mister adduzir largas considerações para demonstrar quanto isso embaraça infelizmente o progresso do paiz e nos deprime ante as grandes nações do mundo.

A' resolução de semelhante problema, e dada a escassez de recursos de muitos de nossos Estados, é indispensavel portanto convirjam os esforços da União e desses mesmos Estados, forçosa e naturalmente interessados em abrir mais largo horizonte ás forças vivas da população e ao aproveitamento das nossas grandes riquezas.

Certo é que, segundo os termos da Constituição republicana, a competencia em materia de instrução primaria é dos Estados; mas a mesma Constituição auctoriza a União a promover accôrdo ou ajuste com os Estados a esse e outros respeito, e no seu art. 35, § 2º confere ao Congresso esta attribuição: «animar no paiz o desenvolvimento das lettras, artes e sciencias... sem privilegios que tolham a acção dos governos locais».

Ante a clareza deste artigo constitucional não ha negar: a União pode entrar em accôrdo

com os Estados para se ir apagando esta nodoa, que macula o nome brasileiro.

E assim já o entenderam insignes patricios e auctoridades respeitaveis: em Outubro de 1904 na Camara dos Deputados a idea do accôrdo surgiu; em 1905 Bernardino de Campos a advogou em sua plataforma politica; pouco depois o ministro Felix Gaspar, presidindo aqui a um Congresso de Instrução, defendeu o mesmo principio, e sr. dr. Lacerda de Almeida, provector jurisconsulto, subscreveu a resolução; em 1907 o projecto parlamentar Tavares de Lyra consignou a vantagem do accôrdo; e, para não alongar referencias, basta considerar o que a tal respeito escreveu o illustre ministro do Interior, sr. dr. Alfredo Pinto, em seu magnifico Relatório de 1921.

A idea é pois triumphante, e não acredito haja Brasileiro patriota que lhe possa recusar o seu voto.

O que urge é leva-la á practica; assim o reclamam a honra e a prosperidade do paiz. Cabe aos nossos legisladores a gloriosa prestação deste extraordinario serviço, pois que de tal alicerce, seguro e inabalavel, depende o edificio da Educação Nacional, e consequentemente o nosso futuro.

RAMIZ GALVÃO

## I = IDÉAS E FACTOS

## Política de instrução publica

XIX

## O ENSINO DA HISTORIA

Apreciando as condições em que se realizou a independência política da nossa patria não devemos prescindir do exame especial da solução adoptada por José Bonifácio para assegurar a unidade da America Portuguesa, pela garantia da continuidade das suas tradições políticas. Tal solução consistio em collocar o príncipe regente do Brasil á testa do movimento separatista, alvitre por muitos considerado condemnavel por haver importado na adopção do regimen monarchico, e nos ter acarretado todos os inconvenientes da comunidade de soberano, com a antiga metropole, quando a morte de D. João VI tornou o imperador do Brasil o legitimo herdeiro da coroa lusitana.

São de todo infundadas taes criticas.

«A necessidade de assegurar a unidade política do Brasil, por si só, bastaria para justificar a solução adoptada, com a escolha do príncipe D. Pedro para fundador da monarchia brasileira, mas mesmo que tal motivo não devesse prevalecer, outras razões legitimariam a escolha do regimen monarchico nos primeiros dias de nossa vida independente.

«A forma republicana havia-se descredito em França, pelos desvios democraticos que tinham facilitado o despotismo sanguinario do «Terror», conduzindo á decadencia do «Directorio» e á tyrania militar do primeiro imperio.

Um quarto de seculo de agitações provocaram uma restauração conservadora, que se conciliou com as aspirações liberaes pela adopção de um systema politico inspirado na monarchia parlamentar ingleza. Era a volta aos primeiros dias da revolução franceza, quando a assemblea constituinte procurava harmonizar a liberdade com a realeza.» (1) Foi sob o influxo dessas ideas que se organizaram todos os estados da America,

(1) Ignacio M. Azevedo do Amaral—José Bonifácio. Rio de Janeiro. 1917. paginas 26 e 27.

com excepção dos Estados Unidos, e as republicas que ahi se formaram, se constituíram em verdadeiras monarchias sem rei, que de outra forma não se organizaram pela carencia de uma nobreza de estirpe, onde pudessem buscar o rebento de uma dynastia.

Mas a falta do elemento decorativo de um rei não contribuiu muito para a verdadeira republicanisação das republicas americanas.

Para provar á saciedade quanto ha de verdadeiro nesse conceito, bastará lembrar que, mesmo nos Estados Unidos, a influencia de vultos, como Franklin e Washington, não impedio a extranha conciliação da forma republicana com a subsistencia da escravidão, nem proporcionou a instituição das garantias necessarias á liberdade espiritual.

Sob varios aspectos, pois, o Brasil, embora sob a forma monarchica, consagrada pela feição typica do principio da hereditariedade dynastica, foi mais republicanamente constituído que as republicas hispano-americanas, as quaes não se organizaram como nós, por não terem se encontrado nas condições em que nós nos achamos.

Mais poderoso argumento contra a instituição da forma monarchica no Brasil, pela realeza do príncipe D. Pedro, era a allegação dos inconvenientes, que decorreriam da eventual reunião das coroas do Brasil e de Portugal, na pessoa de um mesmo soberano, quando o imperador do Brasil fosse chamado a receber a successão da coroa portugueza.

Os receios, porém, de taes inconvenientes não poderiam chegar au ponto de importar na acceitação da possibilidade de uma recolonisação do Brasil, quando se realisasse aquella eventualidade, ou mesmo, de um restabelecimento de quaesquer laços de ligação politica entre os dois ramos da raça lusitana...

Não seria, com effeito, necessario grande perspicacia politica para comprehender que uma vez o Brasil emancipado de Portugal, a evolução das duas nacionalidades se accentuaria por forma a tornar quaesquer ligações politicas entellas mais prejudiciaes á autonomia de Portugal que á soberania e á independencia do Brasil.

## A evolução brasileira em cem annos de independencia

(Continuação)

Nós somos ainda — e já o disse — os grandes fornecedores do café, da borracha, do mangapez, do matte, da carne e dos cereaes ao mundo.

Contribuímos assim para com aquella bebida estimulante — "licor dos Deuses" — no dizer voltaireano, e que substitue com vantagem o alcool, a vigorar-se a energia mental do homem moderno. Fornecemos para as industrias da guerra ou da paz o "caoutchouc", a gomma elastica, a "guttapercha" dos nossos seringaeos amazonicos: exportamos para as usinas norte-americanas ou europeas o mangapez, que é por excellencia, o minerio refinador do ferro para o preparo do aço, sendo este, por sua vez, materia prima indispensavel as machinas e aos aparelhos para poder se combater por Ceres ou por Marte; e garantimos a nutrição dos homens, tanto do nosso paiz, quanto das terras estranhas, com os productos do nosso gado e da nossa agricultura.

Para o combate energico no campo scientifico, as molestias endemicas nos paizes tropicaes, temos nós contribuido com a determinação da etiologia da chamada "molestia de Chagas", da terrivel ulcera do Bauru, ou "leishmaniose", e com o saneamento e expurgo de velhos flagellos epidemicos, como a febre amarella, empregando, no Brasil, as doutrinas de Finlay, aperfeicoadas por Oswaldo Cruz e por pesquizes e estudos que não cessam da parte dessa geração de higienistas notaveis, preparados no Instituto de Mangueiros, de reputação universal, e cujos triumphos têm sido proclamados com o premio Schaudinn, desde a Exposição Universal de Hygiene, em Dresde, até os centros cultos da Argentina e dos Estados Unidos, onde, ha poucos annos, o Sr. professor Carlos Chagas fez a divulgação das conquistas da bacteriologia brasileira.

Não temos levado o nosso Direito Civil, as nossas letras juridicas, através da obra de um Teixeira de Freitas, até para auxilio á codificação de visinhas nações, como a Republica Oriental ?!

Não erigimos nós a arbitragem como preceito constitucional para derimir as nossas questões internacionaes, de preferencia ao argumento bellicos do canhão e da metralha ?

E não foi assim que nós conseguimos terminar com honra para ambas as partes litigantes, velhos e seculares litigios territoriaes, como os já apontados, isto é, o do territorio das Missões, com a Republica Argentina; o do Amapá, com a Nação Franceza; o da Guyana Britannica, com a Inglaterra; e do Acre com a Republica Boliviana ?

Não é o Brasil, até agora, a Republica Americana que, inspirada pelo seu immortal Chancellor, o Barão do Rio Branco, concluiu o maior numero de tratados de arbitramento, de modo a se banir, quando possível, da face da terra civilisada, o espantalho monstruoso da guerra ?

Não temos dado ao mundo exemplos salutareos de tolerancia religiosa, separando a Igreja do Estado, por uma lei de liberdade de cultos, que tem sido citada e seguida como legislação modelar, no seio das Republicas Amigas, como sejam a França e Portugal ?

Innumeras outras affirmações que documentam incontestavelmente a nossa cultura, podemos exhibir no conceito da civilização contemporanea; e ahi está, Sr. Presidente, o modo como, entre flores e ovações, liberta-

mos, em 1888, os escravos negros, ao passo que nações mais poderosas e mais cultas do que a nossa, como os Estados Unidos, só conseguiram abolir o captiveiro, em uma guerra sangrenta e longa, qual foi a Guerra da Secessão, que quasi custou a desintegração e o retrocesso da brilhante patria de Washington, conforme anteriormente já o dissemos.

Tambem fizemos, em 1889, sem abalos violentos na ordem publica, sem efusão de sangue e sem perpetuar odios de classes ou de partidos — a transformação radical do regimen unitario monarchico para o regimen republicano federativo, organizando o aparelho da Democracia no Brasil, com requintes de ousadas franquias e liberalismo, firmando a egualdade perfeita de direitos entre nacionaes e estrangeiros, em completo respeito ás fórmulas mais adeantadas de qualquer paiz livre do mundo.

Nos annaes da Historia Universal, temos, sem duvida, o direito de fazer inscrever os nomes de alguns gloriosos brasileiros, de reputação mundial: TIRADENTES e JOSE BONIFACIO; PEDRO II e o BARÃO DO RIO BRANCO; JOSE DE ALENCAR e GONÇALVES DIAS; o MARECHAL OSORIO e o ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA; JOAQUIM NABUCO e RUY BARBOSA; OSWALDO CRUZ e SANTOS DUMONT. São vultos dignos de se emparelharem com quaesquer personalidades mais brilhantes de outras nações modernas, como expoentes maximos, que são, do patriotismo, das virtudes civicas, da intelligencia creadora, da cavalheiresca bravura e da genialidade privilegiada ! Nações estrangeiras os queriam por filhos seus.

Como prova da nossa capacidade ou cultura juridica e politica, exhibimos como credenciaes, no convivio social das nações, o referido Codigo Criminal, de 1830; o modelar Regulamento do Processo Civil de 1850; a liberalissima Constituição Federal de 1891; e o nosso monumental Codigo Civil, de 1916. Por essas leis fundamentaes, antes de muitos povos europeus e americanos, nós abolimos a tortura e a calcêta; suprimimos a pena de morte e o exilio; os preconceitos e os privilegios de cor e de nascimento; proclamamos a egualdade de todos perante a lei; introduzimos innovações as mais liberaes e humanitarias no corpo da nossa legislação penal, civil, commercial e politica.

Em 1856, quando, depois da campanha da Criméa, o Congresso de Paris votava a supressão do corso e da pirataria nas guerras, um dos votos mais decisivos para essa victoria humana era o voto do Brasil, em contrario a algumas nações cultas que continuaram a apoiar esses barbaros processos de guerrear-se o inimigo.

Quando, Sr. Presidente, uma nobre nação americana, nossa tradicional amiga — o Chile — era, em 1866, victima do mais iniquo attentado á sua soberania, qual o bombardeio da cidade aberta de Valparaiso, pela esquadra hespanhola do Almirante Mendes Nunes, um unico protesto neste continente se fazia ouvir, e era o do Imperio do Brasil, reclamando energicamente contra a inaudita offensa e fazendo sentir ao longinquo paiz irmão a nossa solidariedade na justa indignação que o fazia reagir contra a ameaça da sua ex-metropole de reduzir-lhe a independencia e reconquistal-o pela força ! (Muito bem).

Não foi outra, Srs. Deputados, a nossa corajosa attitude, quando, em 1914, as hostes teutonicas violaram criminosamente a neutralidade da Belgica, assegurada pela propria Alemanha, desde a independencia do pequeno e culto reino constituído em 1830; e é facto historico indubitavel, testemunhado pelas proprias declarações dos sympathicos soberanos daquella heroica nação, quando honraram o nosso paiz com a sua visita official em 1920,

— repellimos a ferro e fogo os audazes assaltantes dos nossos portos e feitorias, desde o Reconcavo da Bahia até Victoria ou Santos, no Sul; e pela faixa littoranea de Nordéste, desde o Recife, até ás plagas da Amazonia, limpámos o mar brasileiro dos bandoleiros que o saltavam, de frequente.

Depois, no seculo XVII, naquelle duro periodo da dominação hollandeza, de 30 annos, quando o invasor flamengo despejava tropas mercenarias, e já aguerridas nas campanhas do Velho Mundo, por todo o nosso territorio, desde a Bahia ao Maranhão, nós oppuzemos a mais destemida resistencia, cheia de episodios, cada qual mais enaltecido do nosso patriotismo, cada qual mais digno de rememoração nos dias de hoje, para que aprendamos, com os nossos antepassados, a defender galhardamente a nossa terra, a nossa gente, a nossa fé, as nossas tradições mais caras ao sentimento patrio.

Toda esta Camara bem conhece a nossa historia e sabe como foram os nossos mares, no seculo XVII, teatro das duas maiores batalhas navaes, travadas entre esquadras inimigas, no continente Sul-Americano: foi, primeiro, o grande combate entre a frota hespanhola do almirante Oquendo e a esquadra hollandeza do almirante Patrick, em 1631, nos mares da Bahia, acabando esse tremendo combate pela victoria das armas de Castella contra o Leão Neerlandez, e sepultando-se no mar, envolto no pavilhão abatido da Hollanda, o almirante flamengo derrotado; annos depois, em 1640, durante cruenta refrega de quasi uma semana, tingiram-se com o sangue de milhares de marujos os mares brasileiros, desde Itamaracá á costa Parahybana e á foz do Potengy, em territorio do Rio Grande do Norte, no mez de janeiro daquelle anno, quando 41 navios de guerra da esquadra hollandeza, dos almirantes Cornellisson e Huyghens, vingaram a anterior derrota de Patrick, pondo em frangalhos a esquadra luso-castellhana, composta de 63 navios, ao mando do desventurado Conde da Torre.

E devemos ainda aqui lembrar, meus senhores, que a nossa historia nessa época pôde, em parallelo com as mais gloriosas paginas da historia militar do mundo, apresentar episodios como o dessa épica resistencia, que, no Forte de S. Jorge, no Recife, em 1630, durante 11 dias, oppunha ao inimigo o intemerato brasileiro capitão Antonio de Lima, com poucas dezenas de voluntarios ao seu lado, enfrentando, com tres velhas peças de artilharia, dous assaltos e um sitio de 4.500 soldados, chefiados pelo general Werdenburch! O proprio commandante inimigo, tomado de espanto deante dos loucos defensores do esborçado Forte, quando nelle penetrou á frente da soldadesca hollandeza, rendeu aos vencidos toda a homenagem da sua admiração, por ver que, "só exgotado o ultimo cartucho e depois de todos feridos", é que esse punhado de defensores do fortim brasileiro abatia as armas, deante da chusma dos invasores!

Por sem duvida que ainda mais heroica do que a defesa de Antonio de Lima, tenha sido aquella que, um anno depois, Pedro de Albuquerque, um pernambucano destemido, oppoz, no forte do Rio Formoso, "tendo apenas junto a si vinte soldados", a 500 homens da aguerrida tropa hollandeza, commandada por Segismundo Van Skoppe; e só quando, depois de alguns dias de inclemente cerco do pequeno baluarte, a guarnição sitiadora nelle penetrou pelos rombos que a artilharia fizera nas muralhas da esburacada fortaleza foi que o invasor batavo poude bem medir a grandeza do heroismo brasileiro!

Alli estavam 19 soldados mortos, dos 20 da guarnição; o vigésimo, mal ferido, escapára a nado e o valioso commandante Albuquerque, sangrando das feridas que o punham, jazia

exanime no sólo, com a mão crispada na bandeira das Quinas e das Cinco Chagas sagradas, porque então lusitano era o pavilhão sob que combatiamos!

Van Skoppe, o vencedor, tributou-lhe, cavalheiramente, provas de admiração; felo curar dos ferimentos, arrancou-o da morte, mandou-o em um navio para as Antilhas Hollandezas, e de lá, livremente, partiu o destemido Pedro de Albuquerque, para a Europa, depois de ter provado ao estrangeiro que os brasileiros não medem sacrificios para defender a integridade e a honra da sua Patria, deante do inimigo, por poderoso que este seja e minguado o nosso contingente em homens e armas.

Do mesmo modo, Sr. Presidente, procedemos, já no seculo XVIII, quando tivemos de medir forças, nas nossas fronteiras do sul, oeste e norte, por motivo das velhas questões que separavam a politica de Portugal e Hespanha, neste continente; e, si temos um territorio continuo de oito e meio milhões de kilometros quadrados, onde só se escuta a maviosa lingua portugueza, através do doce fallar brasileiro; si a nossa bandeira drapeja ao sol dos tropicos, desde o septentrião amazonico, nos campos do Rio Branco, ou no pincaro da Serra de Parima, até á zona do Rio Grande do Sul com a Republica Oriental, e desde a costa maritima de léste até os limites occidentaes da Patria, no Javary, foi porque a nossa gente oppoz sempre a mais tenaz das resistencias á alteração das nossas linhas limitrophes, não consentindo que as incursões hespanholas tomassem pé dentro do territorio brasileiro, sobre o qual hoje se estende a jurisdicção da nossa Republica a 30 milhões de compatricios que nelle habitam.

Sempre que quizermos recordar bellissimo episodio da resistencia nacional, no Sul, devemos ler as paginas desse formoso poema — "Uruguay" — em que o genio épico do nosso José Basilio da Gama pintou ao vivo o sentimento brasileiro através das lutas provocadas na zona Missioneira, que nos separava em parte das terras do Vice-Reinado Platino.

No seculo XIX, continuamos a ser os campeões da liberdade sul-americana, sem pretensões occultas de absurda hegemonia, mas bem seguros do nosso dever de, como alliados, ajudarmos a algumas nobres nações nossas irmãs para se libertarem de despotas e tyrannos, cujos governos retardavam a civilização neste continente e perturbavam a nossa tranquillidade de visinhos, amantes da paz, e a liberdade do nosso commercio e do livre transito de navegação nos rios que nos prendem a esses paizes irmãos da mesma terra sul-americana que habitámos.

Quando auxiliámos o nobre e culto Povo Argentino, a arrancar do poder esse sombrio tyranno que foi Rosas, ao qual as nossas armas ajudaram a abater, de vez, na decisiva batalha de "Monte-Caseros", em 1852; quando, igualmente, contribuimos para que os nossos queridos irmãos Orientaes libertassem a formosa Terra Uruguaya do caudilhismo de Oribe — logar-tenente de Rosas — e de AGUIRRE e de VILLALBA, agentes da sua politica de odios injustos contra o Brasil; não teve o Imperio, não tivemos os Brasileiros outro intuito que o de estendermos a nossa mão amiga, de franquearmos o nosso concurso desinteressado e os nossos recursos financeiros e diplomaticos para que as duas brilhantes Republicas do Prata reassumissem, no concerto das nações deste continente, o logar que lhes competia como nações livres e dignas de serem governadas constitucionalmente. E ellas ahí estão presentes, com brilhantes embaixadas, á commemoração do nosso centenário, a Nação Argentina e a Uruguaya, soberanas entre as que mais o sejam, cada vez mais pros-

peras, cultas e fortes, interessadas como o proprio Brasil na manutenção da paz continental americana, em bem dos nossos comuns destinos na Civilização contemporanea.

Poucos annos depois, senhores Deputados, a ambição de Solano Lopes, que trazia a Republica do Paraguay sob uma tyrannia hereditaria, quiz nos embargar o passo, como nação livre; e, cuspiendo-nos affrontas immerecidas, fazendo-nos provocações acintosas e inesperadas, aprisionando um navio de guerra brasileiro e encerrando altos funcionarios da administração de uma das nossas Provincias (Matto Grosso), em transito pelo porto de Assumpção, arrastou-nos, assim, a uma guerra para a qual de longo tempo estava o Governo do El-Supremo fortemente preparado; e, assim, fomos coagidos a empunhar armas, não deliberadamente contra o heroico povo da bella terra paraguaya, mas sim contra o sombrio dictador que até então só provas de interesse e amizade recebera do Governo Brasileiro. Dessa guerra não provocada pelo Brasil, sahimos com as mãos honradas e limpas, tanto que, derribado LOPES, cessou a campanha; e, depois do Tratado de Paz de Assumpção, feito sem compensações territoriaes, a visinha Republica se organizou sob moldes de uma politica democratica e elevada, reatou nobremente as relações de amizade com as nações da Triplíce Alliança e ainda agora, em uma prova de confortadora solidariedade continental, manda uma distincta embaixada confraternizar conosco, nesta data festiva do Centenario Brasileiro.

E é por tudo isto, Sr. Presidente, e Srs. Deputados, que o Brasil tem um logar na mesa das Nações, onde se assenta, cheio de modesta, mas convencida dignidade, como paiz livre, que guarda o seu proprio territorio, com cioso carinho, pela razão historica de que elle e seus ancestraes luzos o descobriram, conquistaram, povoaram e defenderam ha mais de quatro seculos.

E' com estas credenciaes que, commemorando nestes dias proximos o primeiro centenario da patria, nós temos feito jus ao respeito e ao apreço da Sociedade das Nações. Pois, a mais liberal dellas, a culta e poderosa Inglaterra, não nos deu arrhas da sua cavalheiresca lealdade britannica, primeiramente, procurando reatar relações com o Brasil, depois das irritantes questões do "bill Abordeen e do ministro Christie" e, mais tarde, devolvendo-nos a posse da ilha da Trindade, com pleno reconhecimento da nossa soberania e da perfeita compostura com que sempre se houvera o nosso paiz, mesmo diante das fortes potencias?

E não teremos outros titulos e serviços a allegar, em face da Civilização? Vejamos-os.

Não é o Brasil, em superficie continua, o primeiro paiz da America do Sul, pouco menor que toda a Europa, occupando a metade de todo o nosso continente americano, bem maior do que o continente australiano?

Não está, por acaso, todo o territorio brasileiro coberto pela mesma auriverde e sagrada bandeira da patria, que se rege de um a outro extremo de seu territorio, pelas mesmas instituições politicas, guardando zelosamente, a lingua, a religião, o direito e os costumes que nos legaram os nossos antepassados?

Não temos grandezas naturaes, caracteristicas, que nos dão primacial destaque no panorama do Universo, como essa por exemplo, de possuirmos o primeiro rio do mundo — o Amazonas — na extensão da sua bacia, na massa caudal de suas aguas, no assombro das riquezas vegetaes, que no seu vale exuberam?!

Não temos nós, Srs. deputados, a primeira cataracta do mundo — o formidavel Salto de Iguassu' — bem maior que o Niagara norte-americano e que o famoso Salto Victoria, no Zambeze britannico do interior da Africa?!

Não possuímos a maior reserva de ferro

de globo, bastando apenas citar que, sómente no cordão de serras de Ouro Preto a Diamantina, lá no centro do planalto de Minas Geraes, existem, segundo a avaliação do sabio professor Gorceix, "cincoenta bilhões de toneladas de minerio de ferro" — quantidade essa do poderoso metal civilizador, sufficiente para abastecer o mundo, durante varios seculos de intensa vida industrial?!

Não somos mais de 30 milhões de brasileiros caldeados numa lenta formação ethnica do luzo, do indio e do africano, recebendo do seculo XIX, para cá, a intensa corrente colonisadora dos latinos, dos germanos, dos slavos e dos semitas?

E é bem certo ainda, meus illustres colegas, que a civilização universal, já nos deve alguns beneficios de ordem material ou moral, seja na sciencia e na industria, seja na arte e na politica. E bem facil nos é documentarmos historicamente a asserção com os factos.

Iniciámos a conquista do dominio dos ares, desde aquella Passarella ou machina de voar, inventada pelo paulista Padre Bartholomeu de Gusmão, no seculo dezoito, até as experiencias definitivas de Santos Dumont, na sua aeronave, dessa Demoiselle, que deslumbrou, no seu vôo bem guiado, Paris — a metropole do pensamento latino — tendo sido essa leve machina do aeronauta brasileiro, filho de Minas, a precursora da direcção segura no espaço, dos actuaes e aperfeçoatissimos aviões de guerra, que ora constituem a quinta arma aerea dos exercitos modernos e dos gigantescos aeroplanos e aeronaves que cruzam pacificamente as alturas formando "raids" audaciosos, como o empreendido de Nova York a esta Capital, neste momento, pelo nosso compatriota Martins e o aviador americano Hinton.

A industria não dispensa, hoje, o ferro laminado, essa chamada "folha de Flandres", nome de uma região já agora legendaria pela épica resistencia franco-anglo-belga contra o invasor das terras flamengas; e, de certo, deveis saber que esse utilissimo invento se deve a um humilde ferreiro de Minas Novas, perseguido pelo Santo Officio, como "christião novo" e que, levado para os carceres de Lisbõa, lá transmittiu o seu processo de laminar e estanhar o ferro a um judeu de Bruges, que, escapo das garras da Inquisição, foi levar para o seu paiz de origem, com esquecimento absoluto do inventor brasileiro, o utilissimo invento metallurgico.

A machina de escrever creando a dactylographia — maravilha da perfeição e da rapidez da escripta — não é o invento daquelle esquecido sacerdote parahybano do norte, Padre João Francisco de Azevedo, que, como professor do Arsenal de Marinha de Pernambuco, alli engenhou e fabricou, em 1860, o seu primeiro modelo e o expôz na Exposição de Artes e Officios do Recife, em 1867, onde foi premiado pelo jury deste certamen?

Deveis conhecer a triste odysseia desse genial compatriota, cujo nome, por uma commun injustiça da Historia, para com os inventores, não está ligado ao delicado apparelho por elle inventado e cujo modelo um estrangeiro audaz e esperto levou para a America do Norte, afim de obter privilegio e patente de invenção, uma vez que em nossa Patria, de balde pedira o Padre João de Azevedo, que não se limitasse a "medalha de ouro", o premio de auxilio monetario, que elle pedia para aqui mesmo fabricar as suas "machinas de escrever". E foi assim, Sr. Presidente, que mais esse producto do genio brasileiro foi parar no estrangeiro, onde o invento se nacionalizou "yankee", ficando na penumbra e no olvido o descobridor nascido naquelle Estado do Norte do Paiz.

E, falando do concurso do braço estran-

geiro no Brasil tomarei a liberdade de aqui repetir idéas de uma conferencia aos moços academicos da capital do meu Estado, a 15 de novembro de 1917, ao tratar desse e de outros assumptos brasileiros relacionados com o thema que ora me faz cansar a attenção desta Camara (não apoiados), e que naquella época se prendiam á entrada do Brasil na guerra européa, ao lado dos nossos alliados.

Ha um seculo que toda a nossa obra de colonisação tende, Sr. Presidente, para que todos os estrangeiros, que se abrigam debaixo da nossa bandeira, explorando o nosso solo, connosco convivendo, se infiltrem dentro desta grande nacionalidade, compenetrados todos elles de que não podemos tolerar predomínios alienigenas dentro da nossa ethnica, de cuja fusão está-se formando, por um processo de fatal integração historica, a Nação Brasileira, generosa e acolhedora, porém, altiva e energica na repulsão dos elementos indesejaveis.

Acolhemos sempre com carinho, dentro da mais liberal das Constituições do mundo contemporaneo, os estrangeiros que adoptem o Brasil por nova Patria, ou nelle se fixem como obreiros pacificos e fecundos do nosso progresso, desde que não se tornem elementos perigosos e mercedores da nossa desconfiança sobre a lealdade com que servem ao nosso paiz.

E' um facto que no seio da Terra de Santa Cruz temos abrigado, desde os principios de nossa formação nacional, grandes vultos estrangeiros, oriundos de paizes diversos, e cujos serviços os têm collocado a par dos mais notaveis compatriotas nossos; e, para comproval-o, permittí, Srs. Deputados, que eu vos relembre alguns exemplos, que ora valem por uma homenagem as santas nações que connosco vieram, por seus representantes intellectuaes, ou por suas Embaixadas diplomaticas, participar das Festas Patrias do Brasil.

Entre allemães, nós rendemos um culto de admiracão sincera ao nome de CARLOS VON MARTIUS, o illustre botanico bavaro a quem tanto deve a flora brasileira; ao nome do BARÃO DE TAUTROBES, o sabio mestre de muitas gerações de estudantes brasileiros, aos nomes de ESCHEWEGGE e GERBER, — este, o operoso engenheiro a quem Minas deve a primeira das suas Cartas Geographicas, digna de consulta — e aquelle, o proficiente mineralogista e ensinador dos bons processos metallurgicos, para inicio da grande industria de ferro entre nós.

Entre os austriacos, que bem mereceram do Brasil, estão os nomes de SPIX, o grande naturalista, inseparavel companheiro de VON MARTIUS, e a primeira Imperatriz brasileira, a archiduqueza MARIA LEOPOLDINA D'AUSTRIA, virtuosa e patriótica soberana, vinda dessa estirpe régia e tragica dos decahidos dynastas de Habsburgo para o Brasil inda colonial, e que foi a idealissima collaboradora da nossa Independencia, junto a JOSE' BONIFACIO, e ao lado de PEDRO 1º; e além daquelles sabios filhos da Austria, podemos citar um sueco, como ANDRE' REGNELL, um dinamarquez, como PEDRO LUND, ambos identificados com o estudo scientifico da paleontologia brasileira e da historia natural em nosso paiz, sem olvidarmos os nomes inglezes, da estatura de um LORD COCKRANE, primeiro almirante e organizador de nossa esquadra, em seu inicio, nos dias gloriosos da campanha da Independencia; e ao lado de COCKRANE, cujos illustres descendentes ora vão honrar o Brasil com a sua gentil visita, também ROBERT SOUTHEY, notavel historiador da nossa terra, de cuja obra nol-o faz credor da nossa gratidão!

Relembremos ainda suissos, como os sabios naturalistas AGASSIZ e GOELDI; e nor-

te-americanos, que estudaram com o maior devotamento a natureza e as cousas do Brasil, como o inditoso ORVILLE DERBY, ou o geologo CARLOS HARTT, cuja mocidade exuberante se sacrificou no clima tropical, como martyr da sciencia no Brasil do seculo XIX; ou ainda o benemerito e saudoso professor JOHN CASPER BRAUNER, tão amigo dos brasileiros e cuja morte não ha muito pranteei daqui mesmo, desta tribuna da Camara Federal, havendo o honrado representante de S. Paulo, o venerando republicano Sr. Alfredo Ellis, me distinguido no Senado com a transcripção do meu elogio a Brauner, em brilhante oração proferida por S. Ex. naquella Casa do Congresso Nacional.

Entre os filhos da França, vindos ao nosso paiz, ou para cá emigrados, todos nós os brasileiros recordamos com enlevo a memoria desse encantador espirito do botanico AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE, cujas obras da viagem ao Brasil, principalmente ao Rio de Janeiro, Minas Geraes, S. Paulo, Goyaz e o sul do Brasil se tornaram vulgarmente conhecidas até ao interior das nossas choupanas sertanejas, já não fallando dos elementos intellectuaes que frequentemente as consultam; não nos esquecendo de um general LABATUIT, heróe do Pirajá, na campanha bahiana da Independencia; d'um GUIDO MARLIE'RE, benemerito apostolo da civilização dos nossos índios do Rio Doce; d'um TAUNAY, pintor e fidalgo apurado, de cuja estirpe, desde o reinado de D. JOÃO VI, no Brasil, proveiu uma série de filhos illustres da nossa patria; d'um GORCEIX, chefe dessa pleiade de profissionaes francezes, da engenharia, que em 1876 fundavam nos alcantis de Villa Rica a nossa bem reputada Escola de Minas, de Ouro Preto, onde as primeiras gerações de estudantes brasileiros receberam as lições delle e dos professores FERNAND, THIRE' e DE BOVED; e sem que também nos olvidemos de que todo o Brasil recorda os nomes e os serviços de outros illustres francezes quaes e medico SIGAUD, o astrónomo LIAIS, o viajante CASTELNAU, o engenheiro MARTINOT, os missionarios D'EVREUX, e D'ABBE'VILLE (no Maranhão Colonial); os historiadores THEVET e JEAN DE LE'RY (na mallograda França Antartica), TOLENARI (em Pernambuco), COUDREAU (na Amazonia) e tantos outros.

E agora já em aguas territoriaes do Brasil, acaba de fallecer o Conde D'Eu, príncipe francez, neto de Reis, esposo ternissimo daquella augusta Regente do ex-Imperio e soldado valente, "Marechal da Victoria", que estremecia as glórias da terra brasileira, como si nella houvesse nascido.

Após as amarguras de exilio de 30 annos, voltava a festejar connosco o jubileu secular, a patria adoptiva quando a morte o feriu, para que do Brasil não mais se separasse o seu velho e fiel amigo.

Si sahirnos dos francezes, para outros latinos que connosco têm convivido nós relembremos os italianos credores da nossa estima, como um BAGNUOLO, estrategista da guerra hollandeza, ao nosso serviço; um LIBERO BADARO', pregoeiro do liberalismo nos dias agitados da Independencia e tombado na Paulicéa, ao punhal assassino do obscurantismo politico da época; d'um GARIBALDI, o "condittieri" dos Dois Mundos, que, tendo começado sua vida de campeão da liberdade dos povos nos "pampas" e carpinas do sul do Brasil, dalli levou para a Italia, uma esposa brasileira, a heroica ANNITA GARIBALDI, filha da terra catharinense de Laguna; os irmãos padres BARTHOLOMEU e MIGUEL SIPOLIS, eruditos missionarios lazaristas e professores illustres de varias gerações que cursaram nossos seminarios catholicos; e, finalmente, essa figura suave da nossa terceira

Imperatriz, D. THEREZA CHRISTINA, meiga princeza napolitana que perfumou de virtudes raras o lar da ultima familia reinante no Brasil, deixando-nos a todos nós como proclamadores da bondade dessa imperante cognominada "Mãe dos Brasileiros", esposa fiel que foi do magnanimo PEDRO II, e genetriz de IZABEL, a REDEMPTORA, dos Captivos, em 1888.

Já entre os hespanhóes, nós temos o nosso quasi Santo, em vespéras de canonização, JOSE' DE ANCHIETA, o ardente missionario, "Apostolo do Brasil", no primeiro seculo da nossa historia, educador da primeira juventude nascida entre nós na era colonial; e, ao lado delle, esses bravos aventureiros castelhanos, que nos deixaram, na mistura ethnica com os "mamelucos" de S. Paulo, e com os "gauchos" do Rio Grande, a certeza de que o sangue cavalheiresco da velha do CID, também corre em veias brasileiras, com os descendentes dos Quevedos e Rondons, dos Toledos e Laras, dos Pisas e Buenos, etc.

Quanto aos portuguezes, que vieram cooperar connosco na evolução e progresso nacionaes, depois que da Metropole luzitana nos emancipámos em 1822, basta que se citem os nomes de estadistas, como JOSE' CLEMENTE PEREIRA e o VISCONDE DE ABAETE', e prelados queridos do povo, como esse beatificado DON VIÇOSO, bispo de Marianna e militares da bravura de Marechal ANDRE'A, jugulador das revoluções do periodo regencial, e do Almirante BARROSO, o intemerato vencedor da nossa batalha naval do RIA-CHUELO.

E, fallando de Portugal, bem sabeis vós todos, Srs. Deputados, que no Brasil perdura o affecto fraterno pela velha, pequena e forte patria dos Lusos — berço da nossa Patria, que para ella não tem fronteiras no coração, na lingua e no sentimento... E tanto é assim que os seus arrojados aviadores Coutinho e Cabral acabam de fazer vibrar a nossa e a sua gente, no mais caloroso dos entusiasmos, no recente "raid" aéreo de Lisboa ao Rio; e já nos preparamos para receber, com fraternal carinho, o Presidente da nobre Republica Portuguesa, que a bordo do "Porto" singra para o Brasil, em uma viagem toda de cordial affecto pela Nação que descobriu, povoou e defendeu durante 322 annos.

Outra credencial valiosa com que nos podemos apresentar perante o mundo culto, é o nosso caracter de povo pacifico e não bellicoso.

E, com effeito, Sr. Presidente, toda a nossa Historia affirma que sempre fomos pela Paz, que nunca fomos uma nação de guerreiros, amante de conquista e de oppressões a outros povos; que apenas temos empunhado as armas quando, esgotados os meios conciliatorios, e dignos, já não nos é possível dar uma sahida honrosa ás negociações pacificas, e sempre que não esteja ferido o melindre nacional. Fóra disto o Brasil ha sempre recorrido ao processo humano da arbitragem, meio esse até imperativamente imposto na Constituição Federal que nos rege, desde 1891.

Sómente quando nos vemos affrontados na nossa honra e pundonor, sentindo espesinhado o nosso direito, é que então julgamos mil vezes preferivel tomar das armas, levantar os broqueis e ir ferir, no campo sangrento das batalhas, o bom combate pela causa da nossa propria existencia de nação soberana, entre as demais nações livres.

Mas, si ultrajados, temos bem sabido defender a Patria; e sinão o vejamos, nesta evocação confortadora dos brios nacionaes.

Quando, desde o seculo XVI, invadiam os

nossos mares e assólavam a nossa desguarnecida e extensa costa os flibusteiros, piratas e contrabandistas de ultramar, nós — que apenas tinhamos nucleos esparsos de população no litoral e minguaquíssimos recursos de defesa que fomos a unica nação neutra do mundo a votar no Parlamento Brasileiro um protesto solemne de repudió dessa lei odiosa da nação mais forte contra o paiz mais fraco, reduzido pela violencia das armas a dar passagem ao invasor. Por grata coincidência historica, coube ao impavido burgo-mestre de Bruxellas, na triste época em que o inimigo occupava o territorio belga (de 1914 a 1918), coube ao nosso distincto hospede, Sr. Adolpho Max, vir chefiar a embaixada especial de saudação ao Centenario, que commemoramos; e hontem, como hoje, o Brasil proclama mais uma vez que a Belgica, com a sua intrepida resistencia, tornou verdadeiro o lemma expressivo da sua gloriosa bandeira "l'union fait la force!" (Muito bem).

Eis ahí, portanto, meus nobres collegas, delineado com largo abuso da vossa paciência, (não apoiados geraes) neste recinto augusto, o nosso caminhar historico na constante peleja pela nossa formação nacional e organização de povo livre, cioso da nossa honra e lealdade, esquivo sempre á exhibição de bravatas guerreiras, porém, imperterrito na repulsão dos ultrajes que as horas de infortunio têm trazido á nossa dignidade e ao nosso sagrado pavilhão auri-verde. Mas, a hora presente é toda de Paz e Concordia e está impondo que todos os corações brasileiros se unam em um só sentir: o amor da Patria Grande e Unida! (Muito bem; muito bem).

Façamos vibrar o nosso pensamento em uma só idéa: a de sempre amarmos e bem servirmos o Brasil, e de tornal-o ainda mais feliz e rico, intensamente povoado e cada vez mais culto e propenso á Ordem e ao Trabalho. (Apoiados. Muito bem).

Só motivos possuímos para festesjar, com justo orgulho patriótico, o nosso 1º Centenario da Independencia, ao qual accorrem embaixadores do Occidente e do Extremo Oriente, do Velho e do Novo Mundo, porfiando, todos em nos demonstrarem o carinhoso preito da sua amizade, nesta communhão de alegrias, em que os peitos brasileiros estuam e deliram. (Muito bem).

As naves pacificas, que nos trazem tantas embaixadas de nações amigas, aqui vão assistir a um certamen internacional das Artes e Industrias, melhor fórma commemorativa das Festas Patrias, em uma terra nova e fértil como a nossa, fadada a muito produzir e trabalhar, para maior bem estar do nosso proprio paiz e dos outros povos do mundo, que connosco entretém o trafico commercial. Ao partirem de novo, oceano afóra, rumo de suas terras distantes, levarão ellas saudades da serenidade acolhedora do nosso céu e do marulho brando das nossas vagas... E nós, os Brasileiros, gratos á captivante homenagem de tantas potencias mundiaes e de tantos paizes irmãos, conservaremos, para memoria das futuras gerações, o rumor festivo desta commemoração de Setembro de 1922; e sempre que o Atlantico nos trazer, no eterno rolar das suas ondas, a espuma que beijou as quilhas de tantas náus amigas, nós teremos assignalada em mente a mais grata lembrança dos povos de toda a America, da Europa e Asia, que contribuíram, "ad majorem Brasiliae gloriam", nesta data historica, que passa sob as benções de Deus Todo Poderoso, dispensador de graças aos povos que trabalham pela paz da terra e nelle creem, como o Povo Brasileiro.

## Correspondencia

**M. S.** (São Paulo). — O processo de analyse indeterminada do primeiro grão, da autoria do Dr. Francisco Cabrita foi publicado no numero 4 do 6º anno d'«A Escola Primaria», correspondente ao mez de Maio p. p.

**P. A.** — A melhor obra sobre o assumpto, para o ponto de vista que lhe interessa, é o trabalho de A. S. Eddington, professor da Universidade de Cambridge—Espaço, tempo e gravitação. Entretanto devemos declarar que embora essa obra tenha tido por objectivo proporcionar aos que não tem conhecimentos especiaes de mathematica, physica e de philosophia,—conforme declarou o seu autor,— uma exposição das idéas e theorias de Einstein, é bem provavel a sua leitura lhe offereça, em muitos pontos, serias difficuldades.

**S. M.** — A Physica de Ganot é mais que sufficiente.

## Bibliographia

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL— Facsimiles da correspondencia recebida pelo Senado da Camara do Rio de Janeiro.

Collecção do Archivo Municipal. *Photozincographia mandado executar pelo Dr. Paulo de Frontin e impressa por ordem do Prefeito Dr. Carlos Sampaio.* — E' um admiravel trabalho em que mais uma vez se affirma a grande capacidade e dedicação do esforçado director do Archivo Municipal da capital da Republica, o Dr. Noronha Santos.

Consta a obra de cinco grandes volumes, cuidadosamente acabados, dos quaes os quatro primeiros dizem respeito á aclamação e coroação de D. Pedro I, e o 5º é relativo á Assembléa Constituinte e Constituição

No 1º volume se encontram a Vereação extraordinaria do Senado da Camara do Rio de Janeiro sobre a necessidade de acclamar D. Pedro Imperador Constitucional do Brasil, a acta da mesma aclamação e o auto do juramento da coroação do primeiro imperador.

O 2º volume contendo os documentos relativos á adhesão das Provincias do Norte e o 3º volume encerra os actos do governo e a adhesão das Provincias do Sul.

No 4º volume, finalmente, estão reunidos os actos referentes á adhesão das provincias centraes.

## União Manufactora de Roupas

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul  
(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500.000\$000

FABRICAS:

RUA HADDÖCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45  
RUA DR. CAMPOS SALLES, 134 — RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escriptorio e Departamento de Vendas Geraes = RUA GENERAL CAMARA, 89

O maior tónico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

**KOLATENO**

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

## II — A ESCOLA

## O DIA DO «FICO»

Publicamos abaixo um trecho, que por lamentavel engano de paginação foi omittido na conferencia realizada na escola «Ramiz Galvão», em 1º de Setembro por distincta professora, que collabora n'«A Escola Primaria com o pseudonymo de Zulmira e que publicamos em nosso ultimo numero:

Extinguira este decreto todos os tribunaes existentes no Rio de Janeiro e, para cumulo de arrogancia, ordenava que o principe parlisse para o Reino, afim de aprimorar a sua instrucção.

Preparava-se D. Pedro para dar cumprimento a taes determinações quando o povo do Rio de Janeiro manifesta o desejo de que o principe resista ás ordens da Metropole.

Emissarios são enviados a Minas e a S. Paulo, que adherem ao movimento, surgindo como typos representativos das aspirações nacionaes Joaquim Gonçalves Ledo, José Bonifacio de Andrada e Silva, Januario da Cunha Barbosa, José Joaquim da Rocha, José Clemente Pereira e tantos outros.

A independencia do Brasil, trabalho de muitas gerações, obra verdadeiramente popular, caminhava a passos agigantados; para effectual-a, porém, impunha-se a separação da Metropole, a que estava adherido pela continuidade de uma contingencia historica. A desagregação ia sendo feita sem choque, naturalmente precipitada pelo rei ambicioso que: não contente em levar do Brasil todo o thesouro, opprimia os brasileiros com leis vexatorias e medidas odiosas incompativeis com os ideaes de uma nação cujo solo tinha sido fartamente regado com o sangue generoso de abnegados patriotas, mortos pela causa da liberdade.

Naquella conjuntura de hesitações, achava-se D. Pedro no palacio, deante de uma proclamação que lhe endereçara o povo e firmada por mais de 8000 assignaturas quando de José Clemente Pereira ouviu as seguintes palavras, encerrando um eloquente discurso: «O navio que reconduzir o Principe Real apparecerá no Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil.»

Foi então que o principe regente, resistindo ás ordens emanadas da Metropole

proferiu a celebre phrase: «Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, digº ao povo que fico.»

E, por isso, foi o dia 9 de Janeiro de 1822 assignalado no Historia como o dia do «Fico», dia em que se firmou o primeiro acto de rebeldia, que não deixou a menor duvida sobre o desfecho que viria a ter a situação, definida depois com o grito do Ypiranga.

Mas, tudo isso, repito, foi obra de patriotas abnegados e destemidos que, pela patria, arriscavam a propria vida e que por ella continuavam a trabalhar e a soffrer, para nos deixar em lembrança a nós, seus descendentes este formoso, rico e immenso Brasil, cujas glorias e progresso é dever de todos nós guardar e augmentar, sem medir esforços nem sacrificios para sermos dignos continuadores da obra grandiosa dos nossos antepassados.

Abençoemos e proclamemos bem alto os nomes gloriosos dos grandes patriotas que trabalharam pela independencia do nosso muito amado Brasil.

Zulmira

## «Onde, donde»: Adverbio? Pronome?

Em resposta ás collegas que desejam saber em que classe devem conservar as palavras: *onde—aonde—donde—adonde—para onde*—nas lições publicadas por mim, aqui, no numero 3, do mez de Abril, do corrente anno, devo dizer o seguinte:

Não ha categoria grammatical *absoluta* para as palavras: todas se classificam em *relação ao local* que occupam no periodo, e *á funcção* que ahi exercem.

Se encontrarmos: o *mundo* tem maravilhas que *mundas* almas apreciam; o *elegante* veste-se *elegante* e tem modos *elegantes*; diriamos que—*mundo*—substantivo no primeiro emprego, é adjectivo—no segundo; *elegante* é substantivo, adverbio e adjectivo.

Nas orações formadas por *onde* e *seus compostos*, com ou sem *antecedente claro*, devemos considera-lo—pronome relativo ou conjunctivo' e taes orações—verdadeiros adjectivos, não importando o conceito da phrase.

Quando dizemos—*trabalho diario, trabalho dos dias, diario e dos dias*—são *adjectivo e expressão adjectiva*, e não adverbios de tempo, por isso que se acham na dependencia do substantivo—*trabalho*.

*Onde é unde* latino, que está por—*quonde*, fórma do pronome interrogativo e relativo, magistralmente explicado por Michel Bréal, no seu *Diccionario etymologico latino*.

Ha nas orações de *relativo*, ás vezes, o substantivo *latente*, que assim se qualifica por um conjuncto de palavras.

Pelo que se vê, eu continuo a classificar—*onde*—como pronome relativo, desde que prenda uma oração a outra, ficando na dependencia de um substantivo. Em tal caso, occupará sempre o principio da proposição subordinada, não podendo variar de lugar, como acontecería se fosse adverbio.

Neste ponto poderão as collegas ler a Grammatica Histórica de José Joaquim Nunes, que estuda os adverbios na dependencia dos nomes e pronomes, donde fundamentalmente se originam, bem como as seguintes palavras de Michel Bréal, em «Mélanges de Mythologie et de Linguistique» :

«L' adverbe, par exemple, que nous nous sommes habitués à considérer comme un mot d'une espèce à par, est un nom ou un pronom que notre esprit subordonne à un autre mot de la phrase. Donnez à cet adverbe une force transitive, il deviendra préposition. Si, au lieu de le subordonner à un autre mot, l'on s'en sert pour coordonner deux termes ou deux phrases, on en fera une conjonction. Toute la syntaxe a d'abord résidé dans notre intelligence, et si plus tard des différences de forme ont plus ou moins séparé les parties du discours, c'est que le langage a fini par porter l'empreinte du travail intellectuel qu'il représente.

C'est notre esprit qui anime le verbe d'une force transitive, enchaîne et subordonne les propositions, et depouille certains mots de leur signification propre, pour les faire servir comme les articulations et comme les jointures du discours.

L' unité de la proposition et de la phrase, non moins que celle du mot, est fait de l'intelligence».

O emprego de—*onde*—se faz com verbos de quietação ;—*aonde e donde*—com verbos de movimento ;—*adonde*—com dous verbos de movimento.

O diccionario de Frei Domingos Vieira dá o seguinte exemplo que é typico para o nosso caso :

«Desejo ir *adonde* vens ; é lugar muito aprazível, *onde* se gozam momentos de verdadeira satisfação ; porém não sei *por onde* vá para não passar pelo lugar *aonde* vão aquelles importunos indiscretos que viste encaminharem-se para o sitio *donde* vinhas.»

E ahi fica esclarecido o meu modo de entender.

AMERICA XAVIER M. DE BARROS

**Casa Alves**

Grande deposito de moveis de estylo e completo sortimento de  
—:— moveis nacionaes —:—

**J. A. PONTES**

PRAÇA TIRADENTES, 36  
Telephone Central 4562  
Preços sem competencia

**Matriz: Rua dos Andradas, 51**  
Telephone Norte 2838 — Rio de Janeiro  
As profssoras municipaes gozarão de abatimento

**MAPPIN & VEBB Ltd.**  
100, Ouvidor  
RIO DE JANEIRO

**JOALHERIA**  
Prataria, «Prata Princeza»  
Objectos de arte, etc.

## III = LIÇÕES E EXERCÍCIOS

### Lingua materna

PRIMEIRO ANNO

#### A rã e seu primo

(Continuação da historia «O cabeçudo» publicada no numero de Setembro de 1922)

Antes de deixar o tanque, a rã mirrou-se na agua. Viu que tinha uma enorme boca e dois olhos redondos e dourados que achou muito bonitos.

Em breve descobriria quanto essa boca lhe era util. A pequenina rã começou a saltar na relva, toda encantada por se poder servir de suas patas.

As patas trazeiras eram muito longas e, na extremidade de cada uma, havia quatro dedos unidos entre si por meio de uma pelle.

As patas dianteiras eram curtas e não apresentavam pelle entre os dedos.

A rã dava grandes saltos e cahia de quatro patas.

Ella era verde como a relva do campo, mas, quando estava debaixo das arvores ou mettida nos cantos sombrios, sua pelle, de verde claro, passava a ser verde escuro.

Agora já não se chamava cabeçudo. Tinha o appellido de «Rãzinha».

Rãzinha estava encantada com tudo o que via na relva : flores amarellas e brancas, gottinhas d'agua que brilhavam sobre as folhas ou presas a ramos e has-tes.

De repente parou!  
Sentia qualquer couza no estomago. Estava com fome, mas, não sabia o que era.

Quando tinha ainda a fórma de um cabeçudo, nunca sentia fome, achava na agua, sem ter o trabalho de procurar e sem, ao menos, perceber, que se alimentava o necessario para se nutrir.

Justamente no momento em que «Rãzinha» sentiu aquella sensação des-

conhecida no estomago, viu uma bella mosca pousada numa folha de capim.

Não teve necessidade de reflectir nem um momento : zaz ! — uma flecha rosada, longa e bifurcada na ponta, sahiu de sua boca e foi direitinho para a mosca.

Em um abrir e fechar d'olhos, a flecha havia voltado ao seu lugar trazendo o insecto.

Essa flexa era a lingua de Rãzinha. Mas, sua lingua não era como a dos meninos e das meninas.

Começava perto da boca indo acabar no fundo da garganta e, para lá é que foi a mosca.

Rãzinha achou a muito gostosa e teve vontade de comer outra.

Foi procurar.

Um salto, dois saltos e eil-a que encontra um outro bichinho. Mas agora, não era uma mosca ! melhor ainda !

Um lindo gafanhoto, verde como a gramma.

O gafanhoto começou a esconder-se no capim. Mas... não era facil escapar aos grandes olhos redondos de «Rãzinha».

De repente, sae a flecha rapida e certa, vae pegar o gafanhoto que seguiu o mesmo caminho que a mosca.

Assim se vae nossa «Rãzinha» deliciando com moscas, marimbondos, grilos etc.

Entre tanto, estes insectos têm azas ! Por que não podem voar da lingua da rã ?

E' que sua lingua, além, de longa e bifurcada, é viscosa, pegajosa !

Os insectos não podem voar porque suas azas grudam-se á lingua das rãs.

Para «Rãzinha», a caça é um prazer. Sua arma está sempre, prompta, nunca fica esquecida em casa, nunca se enferruja e não falha.

Emquanto durarem os bellos dias, emquanto houver bichinhos que dansam ao sol e giram em torno das flores do prado, «Rãzinha» está certa de ter bons almoços sem se dar ao trabalho de os preparar.

Nossa amiguinha acha a vida muito boa.

De quando em vez vae fazer uma visita aos seus antigos inimigos — os peixes.

Agora, porém, dão-se muito bem.

Ella gosta de lhes mostrar como sabe nadar com suas longas patas de dedos unidos.

A' noite, ella as diverte com um pouco de musica.

Rãzinha pensa no misero cabeçudo que ella era e isto a faz sentir-se ainda mais feliz por poder saltar sobre a relva.

Encontra no campo, muitas vezes, outras rãs.

Algumas são verdes como a nossa amiguinha, outras são pardas.

Ha muitas do seu tamanho e outras maiores.

A' noite fazem juntas um bello concerto.

Um dia Rãzinha ficou perplexa no meio de um caminho.

Acabava de ver um animal enorme, monstruoso ! horrendo !

Parecia uma rã muito grande.

Tinha, por cima da pelle, umas bolhas e algumas grandes manchas amarellas, repugnantes.

Mas os olhos eram iguaes aos seus, dois olhos redondos; as patas eram as mesmas; apenas, olhos e patas eram um pouco maiores que os seus.

De repente o animal se poz a saltar.

Que saltos ! em vez dos pulos graciosos e ageis da Rãzinha (assim pensava ella) eram uns saltos pesados, desagitados e com os quaes pouca distancia ganhava.

Nossa heroína parou cheia de medo !

Uma idéa terrivel lhe atravessou o cerebro !

—será uma rã velha?!

Todas as rãs ficarão então como aquella ?

Preciso saber disso.

E resolutamente, a Rãzinha deu dois saltos e chegou perto do monstro.

—Perdão —disse ella. — sois muito velha ?

O animal virou-se :

Oh ! não ; só mudei de pelle duas vezes.

—Como?! que dizeis.

—Então se muda sempre de pelle ? Que massada ! Eu desejava tanto ficar como estou.

Ella estava muito orgulhosa de sua roupa verde, sempre fresca e brilhante.

—Não vos preocupeis ; parece-me que vós, as rãs, não tendes necessidade de mudar de pelle.

—Ah ! exclamou aliviada a Rãzinha.

E, tornando-se mais amavel, continuou :

—Então, não sois uma rã ?

—Não ; sou um sapo, não estaes vendo ?

Somos primos.

D'onde vindes ?

—Perdão meu primo ; desejaria, caso me permittissem, assistir vossa mudança de pelle.

—Não ha duvida ; justamente agora é época de muda. Minha pelle já está um pouco suja, como vêdes. Vinde amanhã de manhã chegareis no momento preciso.

Obrigada, meu primo, irei com muito prazer. Dizei-me, porém, uma cousa : não sabeis saltar como nós ?

—Cada um faz o que pode -- respondeu o sapo.

—E, não sabeis cantar ?

Nunca ouvi vossa voz, nos concertos nocturnos !

—Quanto a isto, disse o sapo, ha quem goste mais de nossa musica que da vossa.

—Como é a vossa musica ?

—E' bastante que escuteis esta noite. E' necessario, entretanto, que vos caleis um momento, pois, fazeis um grande *charivari*.

—Um que ? perguntou a rã um pouco offendida.

—Um tal barulho que não deixa ouvir o som de nossas flautas,

—Pois bem, esta noite escutarei, eu vos prometto.

A noite, a rã escutou effectivamente, e ouviu um lindo som muito doce, como uma flauta que tocasse sempre a mesma nota.

Era uma bonita musica, porém, muito triste ; era, em summa, uma musica de sapos.

No dia seguinte, ella não se esqueceu de ir ver seu primo.

—Eu vos ouvi hontem á noite, disse ella ; é verdade que nossa musica é muito bonita.

—Tendes bom gosto, minha prima

e chegais justamente no momento. E, no mesmo instante, a rã, que arregalava quanto podia seus dois olhos redondos, viu a pelle partir-se ao longo das costas do sapo. Depois, pouco a pouco, eil-o que sae de sua velha pelle : primeiro a cabeça, depois uma pata dianteira, depois outra, e, finalmente as trazeiras.

Alli estava o sapo, com uma pelle inteiramente nova, não muito bonita, mas, menos repugnante que a outra.

A pelle velha parecia agora um trapo sujo. Tranquillamente, o sapo começou a enrolal-a ; fez della uma bolla e... enguliu-a.

—Que é isto ? ! gritou a rã, horrorizada.

Comeis a vossa pelle ?

—Por que não ? que quereis que eu faça della ?

Não é nada agradável vel-a rolando pelo caminho. E vós minha prima, não mudais nunca ?

—De nada sei a este respeito ; mas, ... adeus meu primo. Ainda não almocei e vou á caça.

Em tres saltos já se havia afastado emquanto o sapo se arrastava pelo caminho.

Emquanto durou o verão a Rãzinha levou aquella boa vida.

Quando veio o inverno porém, ás flores desapareceram, as abelhas e as borboletas não tinham mais de onde tirar seu alimento.

Os outros insectos morreram tambem ou se esconderam.

A rã, não achando mais nada para comer dirigiu-se para um brejo proximo onde se escondeu tambem.

Mergulhou-se no lodo para ahi dormir até a volta do verão.

2º ANNO

## Olho por olho

(Traduzido do inglez. Royal Readers — n. III)

Estava uma vez um rapasito sentado á porta de uma casa.

Tinha, numa das mãos, uma vassoura e noutra um bom pedaço de pão com manteiga que alguma creatura bondosa lhe havia dado.

Emquanto comia, cantando, viu um pobre cachorrinho que, tranquillamente, dormia, a alguns passos adiante. Chamou o animalzinho.

—Venha cá, meu amigo. O cãozinho, ouvindo que o chamavam com tanto carinho, correu para o menino, olhou-o com boa expressão e alli ficou abanando a cauda.

O rapazito atirou-lhe um pedaço de pão.

Quando o animalzinho, abaixando a cabeça, ia comer o pão, o menino levantou a mão fechada e deu-lhe um tremendo socco no nariz. O misero cãozinho correu d'alli, ganindo dolorosamente, emquanto o perverso menino ria-se, a bom rir, da crueldade que havia praticado. Um senhor, da janella de casa fronteira, presenciára toda a scena.

Abrindo a porta da rua chamou o menino, segurando, entre o pollegar e o indicador, uma pequena moeda.

—Queres esta moeda— perguntou o homem.

—Si o Senhor m'a quizer dar, aceito—disse o menino— e, sorrindo, estendeu a mão para pegar a moeda.

Mas, uma forte pancada, dada sobre os nós dos seus dedos, com uma bengala que o homem trazia escondida atraz das costas, fel-o retirar a mão.

—Por que o Sr. fez isto ? perguntou o menino, muito desapontado e esfregando a mão nenhum mal lhe fiz nem tampouco lhe pedi dinheiro nenhum !

—Porque bateste naquelle cachorrinho em circumstancias idênticas ?

Elle nada te fez e nem te pediu pão com manteiga.

Quiz dar-te uma lição : os cães sentem tanto como os meninos e, para o futuro, sê mais bondoso para os animaes, principalmente para os que andam socegadinhos.

3º ANNO

## Exercicio escripto

Formação de phrases com o imperativo dos verbos : aceitar, receber, dizer, fazer, seguir, estudar, escrever, ler etc.

Devem ser empregados os tratamen-

tos tu, e você, primeiro na forma affirmativa e depois, na negativa.

E' de grande vantagem que se peçam tambem os possessivos correspondentes.

Ex.

Escreve teu exercicio.

Escreva (você), sua carta.

Não escrevas (tu)...

Não escreva.

Regra pratica que muito auxilia a procura da fórma do imperativo — para os verbos acabados em *ar* a fórma da 2ª pessoa do singular acaba em *a* e a fórma para *você* acaba em *e*.

Nos verbos da 2ª e 3ª conjugações dá-se o contrario, isto é, a 2ª pessoa do singular acaba em *e* e a fórma para *você* acaba em *a*.

## II

### Redacção.

Carta a uma amiguinha que, tendo ficado orphã de mãe, ha algum tempo vos communicou, em carta, que seu pae se vae casar de novo.

Impressão que vos causou a noticia. Necessidade de ter o pae viuvo, uma nova companheira que zele pelo seu lar e pelos filhos.

A idade da amiguinha orphã não lhe permite tomar a si os encargos domesticos e a responsabilidade da educação dos irmãos que são mais moços que ella.

Conselhos que lhe daes em relação ao que deve pensar, sobre a madrasta.

E' injusta a versão que corre em relação a ellas, si as mães ralham, castigam etc, por que a madrasta, tendo os mesmos encargos não o poderá fazer?

Dizei á amiguinha que seja docil e obediente para aquella que seu pae escolheu para substituir sua mãe; seu exemplo será seguido pelos irmãozinhos; a amizade nascerá e crescerá reciprocamente.

JULIETA M. SILVA ARRUDA

## ARITHMETICA

### Curso elementar

#### 3º anno

Verificámos em nossa ultima lição que a formação das unidades fraccionarias decimaes era perfeita e absolutamente a mesma das unidades inteiras decorrendo d'ahi serem forçosamente iguaes as operações a effectuar sobre umas e outras, isto é sobre os numeros inteiros e as fracções decimaes,

De facto, se sommar é reunir em um só numero todas as unidades que entram na formação de dous ou mais numeros dados, sommar fracções decimaes é reunir em um só numero todos os decimos, todos os centesimos, todos os millesimos etc, que entram na formação de duas ou mais fracções decimaes dadas; e como porventura esses numeros dados podem apresentar tambem unidades inteiras, conforme já foi visto, podemos dizer de um modo geral — que se tenta de reunir em um só numero todas as unidades fraccionarias decimaes e inteiras que entram na formação de dous ou mais numeros dados.

Para que os alumnos cheguem a concluir a regra pratica para realização da somma, basta fazel-os repetir o raciocinio feito para o caso dos numeros inteiros e que gira em torno dos seguintes factos principaes: 1º parcelas constituídas por uma só ordem de unidades (decimos, centesimos, etc.) processo espontaneo, isto é, simples contagem, ou ainda taboada de cór; e como — reunindo-se decimos a decimos só se se podem obter uns tantos decimos, reunindo centesimos a centesimos só se obtêm uns tantos centesimos, e assim por diante, o total, a somma, exprimirá forçosamente a mesma unidade decimal que exprimem as parcelas; 2º: parcelas constituídas por duas ou mais ordens fraccionarias decimaes, processo systematico resultante do seguinte raciocinio: impossibilidade de effectuar a operação de uma só vez, d'onde a necessidade de effectual-a por partes; desdobramento das parcelas em suas diferentes ordens; somma de todos os decimos, de todos os centesimos, de todos os millesimos, etc, 3º: obedecendo a numeração escripta dos mesmos principios da dos numeros inteiros, isto é, escrevendo-se as unidades mais baixas á

direita, e as demais successivamente da direita para a esquerda na ordem da respectiva formação, conveniencia em effectuar a operação a partir da direita, afim de que os algarismos escriptos nas diferentes ordens da somma sejam logo definitivos, não tenham de ser substituidos; 4º: representando cada algarismo da somma a somma dos algarismos da mesma ordem nas parcelas, sempre que um algarismo da somma tiver menos valor do que o correspondente em qualquer das parcelas, deprehende-se não estar a somma escripta por extenso, isto é, terem-se levado reservas d'aquella ordem a formar uma ou mais unidades da ordem immediatamente superior.

Attendendo-se a este raciocinio e á conveniencia de se evitarem erros e de ser dado um typo ao calculo, facilmente se conclue a regra pratica:

Escrevem-se as parcelas umas por baixo das outras, de modo a ficarem as unidades da mesma ordem numa mesma linha vertical, o que obriga fatalmente á collocação das virgulas, tambem na mesma linha vertical; sublinha-se; effectua-se a operação, ordem por ordem, a começar da direita; se a somma de cada ordem não exceder a 9, escreve-se o resultado integral na ordem correspondente do total; se fôr maior do que 9, só se escreve nessa ordem o que exceder de 10 ou grupos de 10, formando-se de cada grupo de 10 uma unidade da ordem immediatamente superior que se junta ás demais dessa ordem; a virgula no total indicará onde terminam as unidades fraccionarias e começam as interias, devendo por isso, forçosamente, corresponder ás virgulas das diferentes parcelas.

Se a classe precisar de todas as explicações relativas á somma, o que não é provavel, basta recorrer á lição sobre addição em numero anterior d'esta «Revista», onde tudo se acha exposto minuciosamente e até figurados os interrogatorios e exemplos respectivos.

Passemos á subtracção.

Recapitem-se as definições de subtracção: operação que tem por fim tirar de um numero dado todas as unidades de outro numero tambem dado, e operação que tem por fim — sendo conhecidas uma somma de duas parcelas e uma dessas parcelas, achar o valor da outra. Figure-se em primeiro lugar e attendendo á primeira definição, exacta-

mente como foi feito para os numeros inteiros, um caso concreto da operação, tomando-se para exemplo peças de panno, lotes de terreno, em resumo — unidades taes que ao menos os seus decimos e centesimos constituam grandeza apreciavel,

Imagine-se a necessidade ou o desejo detentor de umas tantas unidades, decimos e centesimos dar a alguém uma porção tambem expressa em unidades, decimos e centesimos; a espontaneida em tirar centesimos de centesimos, decimos de decimos, unidades de unidades etc; como remover pratica e expontamente a dificuldade sempre que decimos, centesimos, etc, a dar, sejam em numero superior áquelles dos quaes devem ser subtrahidos.

A regra pratica resultará, como para os numeros inteiros, do trabalho feito e da necessidade de serem evitados erros e de se constituir um typo ao calculo.

Passo o professor a figurar um caso abstracto (2ª definição) attendendo portanto apenas ás relações existentes entre os dados e o resultado da operação; apoiando-se no estudo da addição, mostre que o algarismo decimal do minuendo resultou da somma das ordens correspondentes do subtrahendo e do resto, que se a somma é, por exemplo 8 e a parcella conhecida é 5, a parcella procurada é 3, pois 3 é o numero que somado com 5 dá 8; sendo o algarismo do minuendo de menor valor do que o seu correspondente no subtrahendo, recorde o que a proposito foi ensinado na addição; para conhecer o valor exacto da somma, lembre serem apenas duas as parcelas, de modo a não ser possivel chegar a 20 como total em qualquer ordem, e não haver portanto reserva superior a uma unidade da ordem immediata áquella de que se tratar na ocasião; figure o caso de haver zero numa ordem do minuendo ou dous ou mais seguidamente, e recorrendo sempre ao estudo da addição faça com que os proprios alumnos expliquem a significação desses zeros no total e effectuem a subtracção; por fim, faça concluir a regra pratica, como simples exposição do trabalho effectuado.

Tratando da subtracção dos numeros inteiros, foi nesta «Revista» e com todas as minucias desenvolvido o raciocinio respectivo, bem como figurados

interrogatorios e exemplos de modo a tornar claro e facilimo o assumpto, porquanto baseado em conhecimentos já adquiridos e firmados.

Basta recorrer a essa lição para se ter, por assim dizer, litteralmente esplanado o caso da subtracção de fracções decimaes ou de numeros decimaes.

Tratemos da multiplicação.

Recorde o professor, por meio de perguntas á classe: que é multiplicação, como se denominam os numeros dados a multiplicar, a significação d'essas denominações, o nome do resultado da operação, etc, de modo a repassar todas as noções geraes relativas á multiplicação, inclusive terem aprendido no estudo dos numeros inteiros corresponder a multiplicação a uma somma de parcellas iguaes representando o multiplicando o valor de cada parcella e indicando o multiplicador o numero d'essas parcellas, e accrescente: tratando-se agora de fracções, de grandezas menores do que a unidade, podendo portanto ser o multiplicador uma fracção, convem procurarmos uma definição que, não destruindo a que já conhecemos, pois do contrario ella seria errada, venha justificá-la e possa abranger toda e qualquer especie de numero e não ficar restringida ao caso dos numeros inteiros.

Tomará um exemplo, como

$4 \times 3 = 4 + 4 + 4 = 12$  mostrará que o numero 12 (producto) é uma somma de tres parcellas iguaes a 4 (multiplicando) e perguntará: porque tres parcellas e não duas ou cinco, seis, etc? Porque o multiplicador é 3, é elle quem indica o numero das parcellas e 3 é igual a  $1 + 1 + 1$

O multiplicador (3) é uma somma de tres parcellas iguaes á unidade; o producto (12) é uma somma de tres parcellas iguaes ao multiplicando.

Varie o professor os exemplos: mostre como—sendo o multiplicador 1 (a propria unidade) o producto é o proprio multiplicando

$$4 \times 1 = 4 \quad 9 + 1 = 9$$

etc, para concluir de um modo geral que — o producto é do multiplicando aquillo que o multiplicador é da unidade; elle procede, nasce, origina-se do multiplicando, como o multiplicador procede, nasce ou se origina da unidade.

Para firmar idéas fará um questionado, como por exemplo:

—Sendo o multiplicador 4 vezes maior do que a unidade, como será o producto?—E se o multiplicador fôr a propria unidade?—E se fôr 2 vezes, menor do que a unidade?—Sendo a decima parte da unidade?—E se fôr zero, isto é—nem uma vez a unidade? Etc, etc.

Estabeleça por fim a definição: Multiplicação é a operação arithmetica que tem por fim—dados dous numeros (multiplicando e multiplicador) formar com elles um terceiro numero (producto) que se dirige do primeiro (multiplicando) tal como o segundo (multiplicador) se tenha derivado da unidade.

Podem ser estudados agora os tres casos da multiplicação dos numeros decimaes: 1º: multiplicando numero decimal e multiplicador numero inteiro; 2º: multiplicando numero inteiro e multiplicador numero decimal; 3º: ambos os factores numeros decimaes.

Observação: Estes tres casos podem ser reduzidos a dous, attendendo-se a que—a ordem dos factores não alterando o valor do producto—os dous primeiros casos passarão a constituir um unico. O professor fará essa observação nas aulas do 4º anno, que deve ser iniciado pelo estudo dos principios relativos ás diferentes operações arithmeticas que se tornarem indispensaveis á comprehensão do respectivo programma.

Seja exemplo do primeiro caso:  
 $0,426 \times 3$

O professor perguntará:

—Que deve entender por multiplicar 0,426 por 3?—Formar um numero que proceda de 0,426 exactamente como o numero 3 procede da unidade.

Ora, 3 é uma somma de tres parcellas iguaes á unidade, é  $1 + 1 + 1$  ou é 3 vezes maior do que a unidade; o producto será pois, e forçosamente, uma somma de tres parcellas iguaes ao multiplicando ou  $0,426 + 0,426 + 0,426$  ou um numero tres vezes maior do que 0,426.

O raciocinio póde ser conduzido como vimos nos numeros inteiros, isto é, effectuando-se a somma e verificando-se que todo o trabalho consiste afinal em multiplicar por 3 cada uma das ordens do multiplicando e em fazer o producto exprimir millesimos, pois que — millesimos repetidos seja qual fôr o numero de vezes só podem dar uns tantos millesimos.

Concluir a regra pratica:

Effectua-se a multiplicação como se se tratasse de dous numeros inteiros e separam-se com a virgula, no producto, tantos algarismos para a parte fraccionaria decimal quantos constituam a parte decimal do multiplicando.

Poder-se-hia tambem conduzir o raciocinio como segue:

Para tornar o numero 0,426 tres vezes maior, basta tornar tres vezes maior cada uma das suas ordens, o que por definição de multiplicação, se reduz a multiplicar por 3 cada uma d'essas ordens; e como millesimos repetidos umas tantas vezes só podem dar em resultado millesimos; centesimos repetidos algumas vezes só dão em resultado centesimos; decimos repetidos só dão decimos; unidades repetidas só dão unidades, etc, etc, haverá sempre necessidade da virgula no producto a separar nelle tantas ordens fraccionarias decimaes quantas sejam as do multiplicando.

Será necessario dar exemplos com o multiplicador numero composto, afim de se repetir todo o raciocinio já desenvolvido quando tratámos dos numeros inteiros, bem como recapitular as noções então adquiridas relativamente a — productos elementares, sua constituição, seu numero em cada producto parcial; productos parciaes, sua natureza e seu numero; finalmente, producto total, sua formação, ordens affectadas pelos varios productos parciaes.

Passemos ao 2º caso:

Seja o numero 3846 a multiplicar por 0,2

$$3846 \times 0,2$$

Multiplicar 3846 por 0,2 é formar um numero que seja de 3846 o que 0,2 é da unidade.

Ora 0,2 é duas vezes a decima parte da unidade; logo o numero procurado, o producto, é forçosamente o dobro da decima parte do multiplicando. Será pois necessario conhecermos a decima parte do multiplicando, para que a dobremos, para que a tornemos duas vezes maior, para que a multipliquemos por 2.

Como todos os alumnos chegados a este ponto devem saber—a decima parte de um numero dez vezes menor do que esse (ver a lição sobre noção de fracção); portanto, a decima parte de... 3846 é um numero dez vezes menor do

que 3856; e como 3846 exprime unidades inteiras e o decimo é dez vezes menor do que a unidade, teremos

$$394,6$$

numero que exprime exactamente a decima parte do multiplicando; se multiplicarmos pois 384,6 por 2, o que nos fará recahir no 1º caso acima estudado, teremos achado o producto procurado.

Repetido o respectivo raciocinio, ficará demonstrado que o producto exprimirá decimos.

Concluir a regra pratica, uma vez tomados exemplos sufficientes, e figurar casos de multiplicador composto, isto é, formado de duas e mais ordens fraccionarias decimaes, afim de se repetir quanto foi estudado em relação á natureza e numero dos diferentes productos.

Excusado seria talvez accrescentar que deve o professor obter todo o raciocinio dos proprios alumnos, arguindo sempre e não expondo o assumpto, visto como só entram em jogo conhecimentos ha muito adquiridos e formados.

Consideremos o 3º caso:

Seja o numero 2.345 a multiplicar por 0,06

$$2,445 \times 0,006$$

Já sabemos que se procura formar um numero que se derive de 2,345 como 0,06 se deriva da unidade. Sendo 0,06 um numero 6 vezes maior do que a centesima parte da unidade — ou por outra — o producto da centesima parte da unidade por 6, o producto procurado será um numero 6 vezes maior do que a centesima parte do multiplicando 2,345 ou por outra — o producto da centesima parte de 2,345 por 6.

Para se obter a centesima parte de 2,345 ou o numero 100 vezes menor do 2,345 basta fazer recuar a virgula duas ordens á esquerda, conforme estudo feito, e o resultado seria o numero 0,02345.

Restaria agora tornar o numero 0,02345 seis vezes maior ou, o que é o mesmo, multiplicá-lo por 6. Recahiriamos no 1º caso, já conhecido e explicado, de modo a serem dispensados raciocinios e arguições sobre o assumpto.

Exemplos variados permitirão concluir por inducção—ter o producto tantas ordens fraccionarias quantas ha por junto nos dous factores.

Estabeleça-se por fim a regra como simples exposição do trabalho realizado.

Passando á divisão serão recapitulados por meio de arguição todos os conhecimentos geraes respectivos, de modo a se verificar ter a classe bem nitido o espirito da operação.

Em numeros anteriores d'esta «Revista» encontrarão os que porventura se interessarem pelo assumpto minuciosas explicações e abundante questionario a repetir nessa occasião.

Consideremos os tres casos possiveis da operação: 1º: dividendo numero decimal e divisor numero inteiro; 2º: dividendo numero inteiro e divisor numero decimal; 3º: dividendo e divisor numeros decimaes.

Seja 4,68 a dividir por 3 e tomemos a principio a questão em concreto, absolutamente como foi feito para o caso dos numeros inteiros.

Imaginemos pois que se trata de dividir 4 peças de panno e mais 6 decimos e 8 centesimos de uma peça por 3 pessoas.

O processo natural, espontaneo, consistiria em fazer a divisão por partes, aos poucos; assim, tomadas as 4 peças inteiras a distribuir pelas 3 pessoas, caberia 1 peça inteira a cada pessoa e restaria ainda uma; ora, como esta peça faz parte do dividendo, não poderá ser desprezada terá de ser dividida pelas tres pessoas; e como ha retalhos a dividir, cada um corresponde a um decimo, é natural que seja esse decimo restante reduzido a centesimos, isto é, dividido em dez partes iguaes, e haverá então 18 centesimos a dividir pelas 3 pessoas, cabendo a cada uma exactamente 6. O quinhão de cada pessoa, ou por outra, o quociente—será constituido por uma peça inteira e mais 5 decimos e 6 centesimos de 1 peça ou

1,56

A exposição do trabalho realizado levará á conclusão da regra: Effectua-se a divisão exactamente como a dos numeros inteiros, attendendo-se apenas a que o quociente devendo exprimir unidades da especie do dividendo (vêr a lição sobre

divisão de numeros inteiros) terá tantas ordens fraccionarias decimaes quantas tem o dividendo, o que se obtem collocando virgula no quociente no lugar conveniente.

Tomemos agora a questão em abstracto, isto é, attendendo apenas ás relações entre dividendo, divisor e quociente, tudo ainda analogo ao que foi feito em relação aos numeros inteiros.

Seja o exemplo o mesmo, para que os alumnos verifiquem a exactidão do processo espontaneo como a do raciocinio para o processo systematico.

Sendo o dividendo o producto do divisor pelo quociente, o numero 4,68 é o producto de 3 por um numero que se procura determinar; ora, esse numero não póde ser inteiro, pois que o producto de dous numeros inteiros é sempre numero inteiro; alem d'isso, quando estudámos a multiplicação vimos que—sendo um factor inteiro e o outro decimal, o producto era decimal e tinha tantas ordens fraccionarias decimaes quantas as do factor decimal; não póde pois haver duvida: o factor procurado, o quociente, é decimal e exprime centesimos, isto é, tem duas ordens decimaes. Ainda mais: havendo 4 unidades inteiras no dividendo e não podendo haver reserva dos decimos superior a 2, pois ainda quando fossem 9 os decimos do quociente, multiplicados por 3 dariam para producto 27, segue-se haver unidades inteiras no quociente, de cuja multiplicação por 3, reunidas ainda possiveis reservas dos decimos, terão resultado as 4 unidades inteiras do dividendo. O quociente consta portanto de tres ordens; e sendo o divisor numero simples, o dividendo será o producto de um numero composto de tres ordens por um numero simples, e como tal será formado de tres productos elementares: producto do divisor pelos centesimos do quociente, producto do divisor pelos decimos do quociente e producto do divisor pelas unidades do quociente. D'estes 3 productos elementares, o ultimo, o da ordem mais elevada, está forçosamente escripto por extenso, podendo estar justo ou augmentado, mas nunca desfalcado; o algarismo das unidades do dividendo, pois, que é 4, resultou do producto do divisor 3 pelas unidades do quociente, podendo portanto ser considerado verdadeiro producto

de dous numeros simples e devendo ser encontrado na taboada de Pythagoras.

Excusamo-nos a continuar o raciocinio, porque isso importaria simples repetição de quanto foi ensinado na divisão de numeros inteiros e consta de lições publicadas nesta mesma Revista; em classe, porém, deve o professor exigir o raciocinio todo, destacar os diferentes productos elementares completos, justos ou accrescidos de reservas, por meio delles determinar os algarismos do quociente, e finalmente como exposição do trabalho feito, concluir a regra respectiva.

Para terminar o estudo d'este 1º caso, dando-lhe feição extensiva aos outros dous, chamará o professor a attenção dos alumnos para as alterações que experimenta o quociente em virtude das que forem introduzidas no dividendo, no divisor ou em ambos. Serão para isso figurados casos concretos—distribuição—de balas, laranjas, fatias de bolo, etc, entre certo numero de crianças, de modo a ficar verificado que dobrado, triplicado, etc, o numero de crianças, desde que se não altere o numero de objectos a dividir isso obriga a reduzir cada quinhão á metade, á terça parte, etc.; bem como, reduzido o numero de crianças á metade, á terça parte, etc., o quinhão de cada uma fica dobrado, triplicado, etc, desde que se não altere o numero de objectos a dividir; por outro lado, se o numero de objectos a dividir fôr dobrado, triplicado, etc., conservando-se o numero de pessoas pelas quaes se faz a distribuição cada quinhão ficará dobrado, triplicado, etc.; e se o numero de objectos a dividir fôr reduzido á metade, a terça parte, etc., desde que seja o mesmo o numero de pessoas pelas quaes se tenha de fazer a divisão, cada quinhão ficará forçosamente reduzido á metade, a terça parte, etc.

Tomados exemplos sufficientes relativos a peças de vestuarios, biscoutos, moedas, balas, cousas, enfim, que correspondam a realidades para as crianças por meio de perguntas será recapitulado que—as cousas quaesquer a dividir constituem o que se chama—dividendo; o numero de pessoas pelas quaes se fez a divisão—o divisor; o quinhão de cada uma—o quociente; logo, se tornando o divisor duas, tres, quatro, etc., vezes maior, ou o que é o mesmo—se multiplicarmos por 2, por 3, por 4, etc.,

desde que não seja alterado o valor do dividendo, o quociente virá forçosamente duas, tres, quatro, etc., vezes menor; se ao contrario, tornarmos o divisor duas, tres, etc., vezes menor, ou, o que é o mesmo, se o dividirmos por 2, 3, etc., o quociente tornar-se ha duas, tres, etc, vezes maior; se conservarmos o divisor e tornarmos o dividendo umas tantas vezes maior, o quociente virá esse mesmo numero de vezes tambem maior; e se, conservado o divisor, tomarmos o dividendo duas, tres, etc, vezes menor, ou, o que é o mesmo, o dividirmos por 2, por 3, etc, o quociente ficará tambem 2, 3, etc vezes menor.

Como conclusão: se o numero de pessoas pelas quaes se vai fazer a distribuição de objectos quaesquer é duas, tres, etc, vezes maior do que imaginavamos se não quizermos reduzir o quinhão de cada uma, teremos de dobrar, triplicar, etc, tambem o numero de objectos a dividir; se o numero de pessoas fôr duas, tres, etc, vezes menor do que supponhamos, se não quizermos dar a cada uma um quinhão duas, tres, etc, vezes maior, mas o mesmo quinhão que havíamos determinado, bastará distribuir só metade, a terça parte, etc dos objectos de que dispunhamos; por outras palavras: desde que o divisor se torne umas tantas vezes maior para que o quociente se não altere será preciso tornar o dividendo esse mesmo numero de vezes maior; desde que o divisor se torne umas tantas vezes menor, para que o quociente se não altere basta tornar o dividendo esse mesmo numero de vezes menor.

Considerações analogas serão feitas em relação ás alterações do dividendo, de modo a ficarem bem determinadas as condições de alteração do quociente e da sua inalterabilidade. Por meio de questionario bem variado obriguem-se os alumnos a variar tambem a maneira de traduzir estes principios. Por exemplo:

—Que alteração soffre o quociente quando se divide o dividendo por 7, conservando-se o divisor?

—Multiplicando-se o dividendo por 5, que alteração deve soffrer o divisor para que o quociente continúe o mesmo?

—Que devemos fazer para tornar o quociente 3 vezes maior? De quantos modos podemos proceder para tornar o quociente 2 vezes menor?—O quociente

de uma divisão era 246; alterado o dividendo e conservado o divisor, o quociente passou a ser o numero 123; qual foi a alteração soffrida pelo dividendo? — O quociente de uma divisão é 38; se tornassemos o dividendo 6 vezes maior, qual seria o quociente?

—Qual é maior—o quociente da divisão de 20 por 4 ou o da divisão de 140 por 28? Porque? Etc, etc.

Retome-se agora o 1º caso da divisão de numeros decimaes e seja ainda 4,68 a dividir por 3.

O quociente da divisão de 4,68 por 3 é o mesmo quociente da divisão de um numero 2, 3, 4, 10, etc vezes maior do que 4,68 por um numero 2, 3, 4, 10, etc, vezes maior do que 3; portanto, se tornarmos o dividendo 4,68 cem vezes maior, por exemplo, e tambem tornarmos cem vezes maior o divisor 3, o quociente não soffrerá alteração; isto é,

$4,68 \div 3 = 468 \div 300$  e teremos assim um caso de divisão de numeros inteiros a effectuar. Applicando

468	300	a regra, teremos para quociente 1 e para resto 168. Já vimos em lições anteriores, qual o quociente da divisão de 168 por 300, para o que figuramos o caso concreto de termos 468 peças de panno a dividir por 300 pessoas; dada uma peça inteira a cada pessoa e tendo-nos restado 168 peças, na impossibilidade de darmos mais uma peça inteira a cada pessoa, tínhamos partido cada uma d'ellas em 300 retalhos iguaes, de modo que feita a nova divisão coube a cada pessoa mais um quinhão representado por 168 d'esses retalhos
1680	1,56	
1888		
000		

168  
lhos ou ao todo  $1 \frac{168}{300}$ ; entretanto, tam-

bem poderíamos reduzir cada uma das talvez impossivel, sob o ponto de vista pratico, reduzir cada uma d'essas tiras a dez outras representadas por poucos fios do tecido. Se se tratasse entretanto de uma região consideravel, por exemplo, poderíamos chegar aos millionesimos ou talvez a unidades fraccionarias decimaes ainda menores.

Na proxima lição, em que trataremos da medida das grandezas, como applicação dos conhecimentos já adqui-

ridos teremos ensejo de voltar ao assumpto mais, minuciosamente.

Sob o ponto de vista abstracto, sendo sempre possivel reduzir qualquer unidade fraccionaria decimal á de especie immediatamente inferior poderemos entender o quociente até onde quizermos, desde que haja resto.

Uma vez obtidas estas noções, os alumnos effectuarão por si sós os outros dous casos da divisão.

Seja 3846 a dividir por 0,4

$$3846 \div 0,4 = 38460 \div 4$$

e o caso será de divisão de numeros inteiros. Quer haja, quer não haja resto os alumnos deverão achar-se em terreno conhecido.

Seja ainda 5 a dividir pôr 8,379

$$5 \div 8,379 = 5000 \div 8379$$

Sendo o dividendo menor do que o divisor, o quociente é forçosamente fraccionario (vêr lições anteriores) não contem unidades inteiras; portanto, se o quizermos expresso em fracção decimal, o que nos cumpre indagar é quantos decimos, centesimos, millesimos, etc, elle contem. Ora, as 5000 unidades do dividendo correspondem a 50.000 decimos; logo, se dividirmos 50.000 por 8.379 teremos os decimos do quociente; e como para que um algarismo exprima decimos é preciso que esteja collocado á direita do das unidades, e unidades não ha no 168 peças a decimos, para o que bastaria dividir cada uma em dez retalhos iguaes, que distribuiriamos pelas 300 pessoas; procedendo por esta forma, teriamos 1680 retalhos correspondendo cada um a um decimo de uma peça de panno, que, distribuidos pelas 300 pessoas, permitiriam dar a cada uma 5 d'esses retalhos ou 5 decimos, restando-nos ainda 180 decimos, numero que não permite dar mais um decimo a cada pessoa; poderíamos entretanto dividir cada um d'esses 180 retalhos em dez partes iguaes, correspondendo portanto cada um a 1 centesimo de 1 peça; teriamos assim 1800 centesimos a distribuir pelas 300 pessoas, cabendo a cada uma 6 d'esses novos retalhos ou 6 centesimos de 1 peça.

O quinhão de cada pessoa, ou, o que é o mesmo, o quociente da divisão de 4,50 por 3 é pois 1,56.

Conclue-se do exposto a seguinte regra para se effectuar a divisão de um

numero decimal por um numero inteiro: — Supprime-se a virgula no dividendo e acrescentam-se á direita do divisor tantos zeros quantas eram as ordens decimaes do dividendo. Procedese á divisão dos numeros inteiros resultantes. Havendo resto, acrescentem-se-lhe á direita um zero, ponha-se virgula á direita da parte inteira do quociente e continue-se a divisão acrescentando-se sempre um zero á direita de cada resto, até chegar-se a uma divisão sem resto ou até onde fôr necessario.

Bem se comprehende que, conforme a natureza da unidade, tratando-se de um caso concreto, devemos parar nesta ou naquella ordem fraccionaria decimal; no exemplo acima, se por ventura não tivessemos chegado a uma divisão sem resto, não conviria continuar a divisão, pois que retalhos de panno mil vezes menores do que uma peça inteira já devem ser simples tiras imprestaveis; e seria no quociente, começaremos por escrever nesse quociente zero e virgula, procedendo depois á divisão.

D'este ponto em diante, o raciocí-

nio é o mesmo do caso anterior, sendo desnecessario por isso repetil-o.

A regra, que deve ser formulada pelos proprios alumnos, auxiliados pelo professor, se fôr preciso, consiste na exposição do trabalho effectuado e deve, como todas das regras, ser clara mas concisa.

Vejamos o ultimo caso.

Seja a dividir 7,645 por 2,4

Segundo foi estudado na lição precedente,

$$7,645 \div 2,4 = 7,645 \div 2,400$$

Ora, já vimos acima que

$$7,645 \div 2,400 = 7645 \div 2400$$

logo:

$$7,645 \div 2,4 = 7,645 \div 2,400 =$$

$= 7645 \div 2400$  e teremos ainda reahido na divisão dos numeros inteiros.

Exercicios variados sobre todos os casos possiveis das operações sobre decimaes devem completar o estudo respectivo, preparando o ultimo ponto do programma do 3º anno, do qual nos occuparemos na proxima lição.

O. C.

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças  
e para Casa

**Parc'Royal**  
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E  
ENXOVAES PARA COLLEGIAES

“Casa Cirio”

Grande sortimento de artigos dentarios,  
perfumarias e cutilaria fina.  
Importação directa dos Estados Unidos  
e Europa

**JULIO BERTO CIRIO**

Rua do Ouvidor N. 183

RIO DE JANEIRO

Telephone Norte 3117 — End. Tel. Cirio  
Caixa Postal n. 15

Floricultura Brasileira

**W. LINS & C.**

Flores naturais, Ornatações para  
festas, Corôas, Bouquets e Corbeilles

ARTE E BOM GOSTO

RUA REPUBLICA DO PERU 53

antiga da Assemblêa

Chacaras em Petropolis, Theresopolis e  
Jacarépaguá

Tel. Central 1870 Rio de Janeiro



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arlenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

**Depura - Fortalece - Engorda**



**OCULOS e PINCE-NEZ**

para qualquer defeito da vista

Apparelhos Photographicos e Accessorios.

**LUTZ, FERRANDO & CIA LIDA**

RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

**CASA GUIOMAR**

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120 (Proximo a Rua Larga)

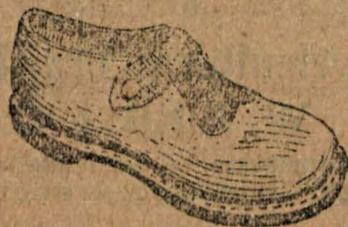
Tendo adqnrirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio.



MODELO NILDA

De 17 a 26..... 4\$000  
De 27 a 32..... 5\$000  
De 33 a 40..... 6\$500

MODELO NORAH



De 17 a 26..... 4\$500  
De 27 a 32..... 5\$500  
De 33 a 40..... 7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados grátis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

A Dentição das Crianças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Criança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilio e Assistencia Dentaria Grátis Associação Central Brasileira dos Cirurgioes Dentistas, Av. Rio Branco, 112.

**S.S.White Dental Mfg.Co.of Brazil**

**Casa das Novidades**

**LUVARIA GOMES**

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéus para meninas e senhoras

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10 %.

**38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38**

**O melhor para as crianças com lombrigas**

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrigas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes phamacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo correio, 3\$500. Deposito geral: —Raa Uruguayana N. 66 Perestello & Filho.

**CASA DO BASTOS**

R. URUGUAYANA 19-22

Novas creações em bufalo branco, verniz, e pellicas de cores, setim, rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -  
*Sejam Catalogos*

De todos os automoveis o mais economico é o

**Ford**  
O AUTO UNIVERSAL



O seu custo é de 50 % menos que o do mais barato automovel de qualquer outra marca. A sua força e velocidade é, praticamente, igual ou superior ás dos demais automoveis. As despesas com o seu custeio são insignificantes, graças á economia no consumo de gazolina, diminuto custo das peças sobresaletas e dos pneus. O auto FORD é, pois, o unico que offerece reaes vantagens e atende ás necessidades da actual crise.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agentes  
Companhia Commercial e Maritima  
Secção «Anto Geral»: RUA BENEDIC  
TINOS, 1 a 17—Telephones 753 e 759 N.  
Stock permanente de peças sobresa-  
lentes legítimas

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
5º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECCÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Comple- mentar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autore contemporaneos . . . . .	3\$000
Selectissima . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil